

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Bacharelado em Jornalismo

LUAN DIEGO VOSNHAK

**GRANDE REPORTAGEM EM VÍDEO: O AQUECIMENTO DO OCEANO NO
ATLÂNTICO SUL A PARTIR DE UM FENÔMENO NO VERÃO DE 2013-2014**

FLORIANÓPOLIS
2024

LUAN DIEGO VOSNHAK

**GRANDE REPORTAGEM EM VÍDEO: O AQUECIMENTO DO OCEANO NO
ATLÂNTICO SUL A PARTIR DE UM FENÔMENO NO VERÃO DE 2013-2014**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel em
Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional UNINTER.

Orientador: Prof. Dra Larissa Drabeski

FLORIANÓPOLIS

2024



Curso de Bacharelado em Jornalismo

Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos onze dias do mês de dezembro de 2024 realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante Luan Diego Vosnhak, portador do Registro Uninter 4152645 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade produto, sob o título GRANDE REPORTAGEM EM VÍDEO: O AQUECIMENTO DO OCEANO NO ATLÂNTICO SUL A PARTIR DE UM FENÔMENO NO VERÃO DE 2013-2014 e orientação do/a professor/a Dra Larissa Drabeski, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Dr. Guilherme Gonçalves Carvalho

Examinador/a 2: Dra. Eliege Fante

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 9,2

Sendo assim, considerou-se o/a estudante aprovado

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a:  Documento assinado digitalmente
LARISSA ADRYELLEN DRABESKI
Data: 13/12/2024 16:34:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador/a 1:  Documento assinado digitalmente
GUILHERME GONCALVES DE CARVALHO
Data: 16/12/2024 14:35:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador/a 2:  Documento assinado digitalmente
ELIEGE MARIA FANTE
Data: 17/12/2024 17:39:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Estudante:  Documento assinado digitalmente
LUAN DIEGO VOSNHAK
Data: 02/01/2025 16:47:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

RESUMO

Este trabalho apresenta a produção de uma grande reportagem em vídeo sobre as consequências das ondas de calor marinhas, a partir de um evento extremo ocorrido no verão de 2013-2014 no Atlântico Sul-Sudeste. Embasada no estudo científico de Rodrigues (2019), que destaca o impacto das ondas de calor marinhas nos ecossistemas e na economia costeira, a reportagem busca esclarecer de forma acessível e precisa os efeitos das mudanças climáticas nos ecossistemas marinhos. A escolha pelo formato de grande reportagem em vídeo segue o referencial de Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), que argumentam que esse formato transcende o relato factual, proporcionando uma compreensão ampliada dos eventos abordados. Assim, a reportagem contribui para a conscientização sobre a interconexão entre o clima e os ecossistemas marinhos, uma questão central no cenário das mudanças climáticas. Além disso, a produção se insere nos princípios do jornalismo ambiental, que, conforme Bueno (2007), deve atuar como espaço de reflexão crítica, conectando ciência e sociedade e promovendo uma abordagem interdisciplinar para a compreensão dos problemas ambientais. Ao tratar dos impactos das ondas de calor marinhas na pesca e na aquicultura do litoral catarinense, a reportagem se alinha à visão de Kucinski (2001) sobre o papel social do jornalismo investigativo, reforçando a importância do jornalismo como ferramenta de construção de conhecimento e engajamento social em questões ambientais críticas.

Palavras-chave: Mudanças Climáticas; Ondas de Calor Marinhas; Grande Reportagem em Vídeo; Ecossistemas Marinhos; Jornalismo ambiental.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
2 O JORNALISMO AUDIOVISUAL.....	08
3 A GRANDE REPORTAGEM.....	10
4 O JORNALISMO AMBIENTAL.....	14
4.1 O Jornalismo Ambiental e a Relação com o Jornalismo Científico.....	16
5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	18
5.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	20
5.2 PRODUÇÃO.....	22
5.3 PÓS-PRODUÇÃO.....	24
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas e o aquecimento dos oceanos configuram-se como dois dos desafios mais urgentes que a humanidade enfrenta no século XXI. O aumento das emissões de gases de efeito estufa, principalmente devido às atividades humanas, contribui significativamente para o aumento da temperatura média global e, consequentemente, para o aquecimento dos oceanos (IPCC, 2021). Estes, por sua vez, desempenham um papel crucial nos ciclos da água, energia e carbono, absorvendo 90% do excesso de calor e 30% das emissões de CO² provenientes das mudanças climáticas (BARNETT, 2005).

O problema é que esse excesso de calor leva ao surgimento de eventos extremos de temperatura nos oceanos, chamados de ondas de calor marinhas (OCMs). Pois, com o aumento da temperatura, os oceanos perdem oxigênio, o que gera repercussões diretas na biodiversidade marinha, nos padrões climáticos regionais, na elevação do nível do mar e na frequência e intensidade de eventos climáticos extremos (IPCC, 2021; FRÖLICHER; LAUFKÖTTER, 2018).

Ao mesmo tempo, o excesso de CO² leva à acidificação dos oceanos. A combinação desses eventos extremos (ondas de calor marinhas, acidificação e desoxigenação) causa efeitos devastadores nos ecossistemas marinhos e nas comunidades costeiras locais (DONEY, 2012).

Se a situação crítica dos oceanos já não justificasse a busca por mudanças, uma parcela significativa da atividade econômica global depende das zonas costeiras e oceânicas, desde a pesca e a agricultura até a exploração de recursos naturais (GATUSSO, 2015). Além disso, 40% da população e 75% das maiores áreas metropolitanas estão em zonas costeiras (NEUMANN, 2015).

No Brasil, o estado de Santa Catarina é um exemplo dessa dependência. A pesca artesanal e a aquicultura são atividades cruciais para a economia e a segurança alimentar do estado, gerando renda e emprego para milhares de pessoas.

Em 2021, o setor movimentou cerca de R\$ 1 bilhão, consolidando-se como a segunda maior atividade aquícola do estado, atrás apenas da piscicultura continental. Além disso, a pesca emprega diretamente cerca de 20 mil pessoas, enquanto a aquicultura gera cerca de 10 mil empregos diretos (SEPLAN/SC, 2021).

A relevância dos impactos das mudanças climáticas nos oceanos transcende fronteiras geográficas e setores sociais, afetando o meio ambiente, a economia, a saúde e o bem-estar de todos. Diante disso, deve-se abordar essas questões de forma abrangente e informativa, promovendo a conscientização pública e a implementação de ações mitigadoras (IPCC, 2022).

Este trabalho apresenta uma proposta de produção de uma grande reportagem em vídeo, com o objetivo de alertar a opinião pública sobre as consequências das ondas de calor marinhas, a partir de um fenômeno registrado no verão de 2013-2014 no Atlântico Sul Sudeste. O trabalho¹ (disponível [neste link](#)) tem como ponto de partida o artigo, “*Common cause for severe droughts in South America and marine heatwaves in the South Atlantic*”, publicado na revista *Nature Geoscience*, conduzido pela pesquisadora e oceanógrafa Regina Rodrigues, da Universidade Federal de Santa Catarina (RODRIGUES, 2019).

O estudo analisa os impactos de um evento extremo de calor no oceano no Atlântico Sul Sudeste, aborda o aumento da temperatura média do oceano nas últimas décadas e destaca a importância da implementação de medidas para mitigar os efeitos das mudanças climáticas (RODRIGUES, 2019).

Dada a ausência de estudos recentes que abordem detalhadamente a incidência das ondas de calor marinhas e seus impactos em terra, este trabalho se justifica pela necessidade de atualizar e expandir o conhecimento sobre o fenômeno. A abordagem jornalística aprofundada visa contribuir para uma maior conscientização pública e fomentar novas pesquisas e políticas públicas voltadas para a mitigação dos efeitos das mudanças climáticas.

A narrativa audiovisual proposta inclui especialistas em climatologia, oceanografia, biologia e a comunidade pesqueira. Este projeto vem para preencher uma lacuna na cobertura jornalística ao ir além da notícia factual. Pois, a informação é chave para mobilizar a ação do público seja na mudança de padrões seja na cobrança por soluções e promoção de práticas sustentáveis. Percebe-se a urgência na atualização e expansão do conhecimento sobre os impactos do aquecimento nos oceanos.

As partes deste trabalho possuem a seguinte ordem de construção e reflexão: sobre o jornalismo audiovisual, sobre a produção da grande reportagem em vídeo e

¹ https://drive.google.com/drive/folders/15CaMWjs4szZ_jYc7RiwVsOuoXsMP2aak?usp=sharing

sobre o jornalismo ambiental dentro do contexto das mudanças climáticas. E, ainda, na parte da descrição do produto, especifica-se as etapas de produção, incluindo técnicas de filmagem, edição e sonorização. Por fim, apresenta-se as referências que iluminaram o caminho da pesquisa e da produção da grande reportagem em vídeo.

2. O JORNALISMO AUDIOVISUAL

O jornalismo em vídeo, herdeiro do telejornalismo, emerge como uma forma poderosa para comunicar informações complexas de modo acessível, envolvente e profunda (MARREIRO, 2011). Ao combinar a força do texto informativo com a riqueza de imagens e ambientação única, esse formato transcende as limitações do texto escrito, permitindo uma experiência imersiva e memorável para o público (PEREIRA, 2013).

Para Paternostro (2006), o jornalismo em vídeo une aspectos que dão maior compreensão: o texto informativo, a ambientação única e as imagens e elementos gráficos para a compreensão das transformações. “Esse formato permite o entendimento imediato e possibilita às pessoas a visão de uma realidade externa àquela em que vivem” (PATERNOSTRO, 2006, p. 85).

Através da narração clara e precisa, o jornalista apresenta os fatos de forma objetiva e confiável, enquanto as imagens cuidadosamente selecionadas ilustram os conceitos, transportam o público para o local da reportagem e revelam detalhes que palavras jamais poderiam descrever (MARREIRO, 2011). A trilha sonora, por sua vez, cria uma atmosfera, guia a narrativa e desperta emoções, intensificando a conexão do público com a mensagem (PEREIRA, 2013).

Uma grande reportagem em vídeo tem o potencial de alcançar um público diversificado, incluindo não apenas especialistas e acadêmicos, mas também indivíduos leigos e decisores políticos. Ao apresentar informações baseadas em evidências de forma clara e objetiva, o vídeo pode catalisar discussões construtivas e inspirar ações concretas em direção à mitigação dos efeitos das mudanças climáticas e à proteção dos ecossistemas marinhos. De acordo com Marques (2012), a escolha por esse produto reafirma a importância do repórter na construção de uma história de forma aprofundada.

A grande reportagem em vídeo é um gênero jornalístico que se caracteriza pela profundidade da investigação, pela riqueza da narrativa e pela qualidade da produção audiovisual. Ela se distingue da reportagem comum por sua amplitude temática, pela complexidade da apuração e pelo tratamento estético diferenciado (MARQUES, 2012, p.10).

Através da narrativa visual, o jornalista tece uma história envolvente que prende a atenção do público e o transporta para o coração do tema (MARREIRO, 2011). Essa abordagem narrativa permite que o público não apenas receba informações, mas

também se envolva com a história, reflita sobre o tema e construa sua própria opinião de forma consciente (PEREIRA, 2013).

Esse formato também é caracterizado pela pluralidade de vozes, como especialistas, autoridades e pessoas afetadas pelo tema (MARREIRO, 2011). A abordagem multifacetada permite que o público tenha acesso a diferentes perspectivas, aprofundando a compreensão e promovendo o debate público construtivo (PEREIRA, 2013). Ao apresentar diferentes pontos de vista, a reportagem evita a manipulação da informação e a imposição de um único ponto de vista, fortalecendo a democracia e a liberdade de expressão (CURY, 2005).

Além de informar o público sobre temas relevantes para a sociedade, a grande reportagem em vídeo busca promover a reflexão crítica e o debate público construtivo, conscientizar o público sobre problemas sociais e ambientais, mobilizar a sociedade para a ação e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável (MARREIRO, 2011). Conforme Pereira (2013), ao aliar rigor científico à criatividade e à sensibilidade, o jornalismo em vídeo se torna um instrumento fundamental para a comunicação eficaz no século XXI.

Bucchi (2008) reforça a importância da linguagem audiovisual na construção da representação social da ciência. O autor argumenta que a mídia, ao apresentar a ciência ao público, não apenas transmite informações, mas também molda a percepção pública sobre os riscos e benefícios associados à ciência e à tecnologia.

As fundamentações de Bucchi (2008) e Pereira (2013) deixam ainda mais evidentes a relevância social da grande reportagem em vídeo e sua capacidade de informar e conscientizar a população, neste caso, sobre os riscos e impactos das mudanças climáticas, com foco especial maricultura e ostreicultura, atividades essenciais para a economia e o bem-estar das comunidades costeiras.

3. A GRANDE REPORTAGEM

O jornalismo, como quarto pilar da democracia, tem um papel fundamental na disseminação de informações de forma clara, precisa e acessível à sociedade. Autores como Cury (2005) e Marreiro (2011) ressaltam a importância da grande reportagem como ferramenta de construção de conhecimento e de engajamento social.

Ao contrário do tão frequente jornalismo declaratório, que se limita à apresentação de fatos e eventos, a grande reportagem se caracteriza por sua profundidade e abrangência (CURY, 2005), explorando o tema em sua totalidade, desde suas raízes históricas e sociais até seus impactos contemporâneos e perspectivas futuras. Essa amplitude de visão permite ao público compreender as nuances do tema e sua relevância para a sociedade (MARREIRO, 2011).

Conforme Sodré e Ferrari (1986), a distinção primordial entre a notícia e a reportagem reside no fato de que esta última transcende o relato factual ao ampliar a compreensão do leitor sobre os eventos em questão.

Um fato pode ser tão importante que sua simples notícia ou uma enorme reportagem a respeito dele vão sempre procurar documentar seus aspectos referenciais, porque aí está a expectativa do leitor. Já um episódio de restrito interesse só ultrapassará o mero registro se envolto em circunstâncias que conduzirão o leitor a um posicionamento crítico, revelando-lhe ângulos insuspeitados, salientando outros apenas entrevistas - enfim, iluminando e ampliando a visão sobre determinado assunto. Essa, talvez, a função distintiva entre o noticiar e o reportar (1986, p. 36).

Segundo Lage, a reportagem tem como propósito atender à necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual, proporcionando ao receptor uma compreensão de maior abrangência. “Esse objetivo é mais eficazmente alcançado na prática da grande reportagem, que permite uma investigação profunda nos eventos e em seu contexto, conferindo ao autor uma considerável dose de liberdade para transcender os padrões e fórmulas convencionais no tratamento da notícia” (LAGE, 2001, p. 31).

De acordo com as observações de Lage (2008), a reportagem emerge como uma das características preponderantes do jornalismo, sendo o repórter como o agente fundamental na prática desta profissão.

A reportagem colocou em primeiro plano novos problemas, como discernir o que é privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo; o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode; os limites éticos do comércio e os custos sociais da expansão capitalista. (LAGE, 2008, p. 17)

Já Medina (1988) pontua que o formato deve possuir determinadas características:

A grande reportagem incorpora quatro aspectos cruciais: 1) a ampliação das informações imediatas (notícia); 2) a direção da humanização, que individualiza um fato social por meio de um perfil representativo; 3) a expansão do fato imediato em seu contexto; e 4) a orientação para a reconstituição histórica do fato. (MEDINA, 1988, *apud* LOBATO, 2016, p.72)

Para evitar a manipulação da informação e a imposição de um único ponto de vista, a grande reportagem deve apresentar diferentes perspectivas sobre o assunto, incluindo em pé de igualdade as palavras de especialistas, autoridades e pessoas afetadas (BUCCHI, 2008). Conforme o autor, essa pluralidade de vozes é fundamental para promover a reflexão crítica e a construção de um debate público construtivo.

Medeiros (2011) diz que a compreensão do contexto social e econômico no qual o tema se insere é crucial para contextualizar a reportagem e torná-la relevante para o público.

Pereira (2013) acrescenta que, através da análise crítica, o jornalista examina os dados e eventos de forma profunda, contextualizando-os em um panorama mais amplo e identificando suas implicações sociais, políticas e econômicas. Essa análise crítica permite ao público compreender as nuances do tema e formar sua própria opinião de forma consciente.

Para garantir a qualidade e a confiabilidade da informação, o jornalista busca fontes confiáveis, dados precisos e histórias reais que ilustrem o tema de forma autêntica. Essa busca incessante pela verdade é fundamental para construir uma narrativa sólida e crível. Segundo Pereira (2013), números, gráficos e tabelas podem ser utilizados para fortalecer argumentos, ilustrar tendências e oferecer uma visão mais objetiva da realidade. Assim, explica:

A linguagem utilizada na grande reportagem deve ser clara, precisa e acessível ao público leigo, sem abrir mão do rigor científico e da terminologia adequada. Essa clareza é essencial para garantir que todos os espectadores, independentemente de seu nível de conhecimento prévio, possam compreender e se beneficiar da informação (PEREIRA, 2013, p.572).

O trabalho de pesquisa e investigação demanda a suspensão de conceitos subjetivos. Lage (2018) aponta que o repórter deve aderir ao cumprimento da pauta, elaborando um planejamento com objetivos claramente delineados. A identificação

das fontes, a coleta de informações e a verificação de dados devem ser realizadas de maneira metódica.

De acordo com Dimenstein e Kotscho (1990), a reportagem é encarada como uma aventura, uma experiência que inspirou o título do livro sobre o tema. É uma prática que representa tanto a maneira mais acessível quanto a mais desafiadora de viver a profissão jornalística. Facilitada pelo talento para contar histórias, a reportagem também é marcada pela dificuldade intrínseca enfrentada pelo jornalista na incessante busca por algo intrínseco e elusivo: a verdade. Contudo, frequentemente, o que se obtém é apenas uma interpretação parcial dessa verdade.

Uma entrevista bem conduzida é essencial para uma reportagem de qualidade, como ressalta Oyama (2009, p. 7), afirmando que "boas entrevistas sempre rendem boas reportagens". O humor do entrevistado pode influenciar no resultado, mas cabe aos jornalistas controlarem esses elementos. Segundo Oyama (2009), uma pesquisa aprofundada amplia as chances de obter uma boa entrevista, permitindo um entendimento mais aprofundado do entrevistado e de seu trabalho, fornecendo as informações necessárias para a elaboração de perguntas pertinentes.

Lage (2008) destaca a importância de saber questionar sobre a resposta durante uma entrevista, pois as pessoas geralmente expressam com fluência aquilo que conhecem bem. O repórter deve manter o controle da conversa e, caso o tema mude, é recomendável formular uma nova pergunta.

Uma entrevista conduzida corretamente é precedida de troca de cumprimentos e de palavras sobre qualquer assunto, provavelmente sobre a entrevista mesmo, que tem função fática, isto é, objetiva de estabelecer o contato. Em uma entrevista, a estrela é o entrevistado, independentemente da notoriedade ou vaidade do repórter. Espera-se dele descrição, atuando como coadjuvante e, simultaneamente, como diretor de cena - uma conduta profissional. A atitude de compreensão e respeito deve marcar a atividade do repórter, evitando evidenciar reações como impaciência, discordância ou simpatia excessiva. Entrevistados podem se irritar ou não se deixar intimidar (LAGE, 2008, p. 79-80).

Na televisão, a grande reportagem se destaca não apenas pela sua profundidade e complexidade temática, mas também pela capacidade de explorar visualmente os assuntos abordados. Segundo Marreiro (2011), a narrativa visual permite que o público seja transportado para o âmago da história, vivenciando os fatos, as emoções e contextos que os cercam. Essa abordagem sensorial facilita a

compreensão e fortalece a conexão emocional do público com a mensagem transmitida.

Além disso, a televisão oferece um espaço importante para a grande reportagem devido à sua capacidade de alcançar um público diversificado e massivo (PEREIRA, 2013). Ao utilizar recursos audiovisuais como imagens, vídeos, gráficos e trilha sonora, os jornalistas podem criar uma narrativa envolvente e persuasiva que ressoa com uma ampla gama de espectadores. Essa capacidade de contar histórias de forma visual e dinâmica informa, mas também educa e inspira, contribuindo para um debate público mais informado e engajado sobre questões complexas como as mudanças climáticas e seus impactos na sociedade contemporânea.

4. O JORNALISMO AMBIENTAL

O jornalismo desempenha um papel essencial na cobertura de catástrofes ambientais, que desafiam as capacidades de entendimento e exigem uma abordagem crítica e profunda. Eventos como o desastre de Fukushima², em 2011, o rompimento da barragem de Mariana³, em 2015, e a tragédia de Brumadinho⁴, em 2019, são exemplos emblemáticos que ilustram o impacto devastador desses acontecimentos sobre o meio ambiente e a sociedade.

Segundo Bueno (2007), o jornalismo ambiental brasileiro enfrenta sérios desafios em sua prática, muitos deles sintetizados em cinco principais síndromes que comprometem a qualidade e a efetividade da cobertura jornalística sobre questões ambientais. Essas síndromes representam limitações técnicas e escolhas editoriais que frequentemente reforçam narrativas simplistas ou enviesadas.

A síndrome do zoom ou olhar vesgo, por exemplo, destaca a fragmentação da cobertura ambiental, resultado da divisão das redações em editorias especializadas que isolam os temas ambientais em perspectivas limitadas, como a econômica, científica ou política. Bueno (2007) argumenta que essa abordagem fragmentada prejudica a compreensão sistêmica do meio ambiente, essencial para lidar com sua complexidade. Essa limitação reforça a necessidade de uma visão inter e multidisciplinar para compreender a conexão entre fatores sociais, naturais e econômicos.

A síndrome do muro alto enfatiza a despolitização do debate ambiental, priorizando abordagens técnicas e empresariais em detrimento de perspectivas amplas e participativas. Segundo Bueno (2007), essa postura tende a excluir cidadãos comuns e organizações civis do processo de tomada de decisões, enquanto eleva a tecnocracia ao status de autoridade absoluta. Essa prática empobrece o debate público e desconsidera a diversidade de experiências e saberes.

De maneira semelhante, a síndrome da “lattelização” das fontes revela a dependência excessiva de fontes acadêmicas e técnicas, frequentemente vinculadas

² [10 anos de Fukushima: o dia em que o Japão foi atingido por terremoto, tsunami e acidente nuclear - BBC News Brasil](#)

³ [Mariana, 9 anos após desastre: famílias sem casa, pesca proibida, ninguém punido; 9 pontos para entender a tragédia | Minas Gerais | G1](#)

⁴ [Quatro anos da tragédia em Brumadinho: 270 mortes, três desaparecidos e nenhuma punição | Minas Gerais | G1](#)

a interesses corporativos ou governamentais. Bueno (2007) adverte que essa prática marginaliza vozes locais, como comunidades tradicionais e agricultores familiares, que possuem uma relação direta com o meio ambiente. Dessa forma, o jornalismo ambiental reforça uma narrativa elitista, desconectada das realidades cotidianas das populações impactadas.

A síndrome das indulgências verdes evidencia o uso de campanhas publicitárias e estratégias de marketing para mascarar práticas ambientalmente nocivas de grandes corporações. Nesse sentido, Bueno (2007) observa que muitas empresas promovem soluções cosméticas, como a neutralização de carbono, para ocultar a manutenção de modelos produtivos insustentáveis. Essa postura representa uma oportunidade para o jornalismo ambiental exercer seu papel crítico e investigativo.

Por fim, a síndrome da baleia encalhada se refere à espetacularização de tragédias ambientais. Bueno (2007) critica o foco exagerado em eventos isolados e visuais, como desastres naturais ou vazamentos de óleo, que raramente exploram as causas estruturais desses fenômenos ou investigam as soluções necessárias. Esse tipo de cobertura limita a capacidade do jornalismo ambiental de contextualizar os fatos e mobilizar a sociedade para ações efetivas.

Nesse contexto, o jornalismo ambiental, segundo Loose (2018), deve ser entendido como uma ferramenta crítica e educativa, capaz de mobilizar a sociedade para agir de forma consciente e informada. Ao transcender a mera descrição dos fatos, o jornalismo ambiental pode se consolidar como um agente transformador, promovendo a responsabilização, a reparação e a conscientização coletiva. Assim, é essencial que os profissionais da área adotem uma postura reflexiva, que valorize a interdisciplinaridade, a inclusão de múltiplas vozes e o compromisso com o interesse público.

Arendt (2007) destaca que o espaço público, ao dar visibilidade a questões ambientais, torna possível a formação de opinião pública e a mobilização social. Além disso, o jornalismo ambiental se caracteriza por uma abordagem interdisciplinar, integrando conhecimentos de diferentes campos, como economia, política e cultura (MORIN, 2001; BUENO, 2007). A complexidade dessas questões exige que o jornalista ambiental vá além do relato de eventos isolados, explorando as causas estruturais dos problemas e suas conexões globais (LOOSE, 2018).

Uma característica central do jornalismo ambiental é seu papel educativo. Ele busca informar, apresentar soluções e incentivar a participação cidadã (BUENO, 2008). Loose (2018) enfatiza que essa prática deve incluir diversas vozes, como as de comunidades locais e saberes tradicionais, superando a dependência exclusiva de fontes especializadas. Nesse ponto, o jornalismo ambiental se diferencia do jornalismo científico, que se concentra na comunicação de descobertas e avanços tecnológicos, muitas vezes para um público especializado (GERN, 2017). Embora ambos os campos compartilhem a necessidade de rigor e precisão, o jornalismo ambiental se preocupa em promover uma compreensão mais ampla e crítica dos problemas para o público em geral.

4.1 O JORNALISMO AMBIENTAL E A RELAÇÃO COM O JORNALISMO CIENTÍFICO

O jornalismo científico, como destaca Ferreira (2012), tem um papel essencial na divulgação de riscos e cenários climáticos futuros, preparando a sociedade para enfrentar desafios ambientais. No entanto, segundo Loose (2018), a cobertura ambiental requer mais do que a comunicação técnica; é preciso contextualizar as questões ecológicas em uma perspectiva mais ampla e integradora. Isso se torna evidente em casos como a seca de 2014 no Sudeste brasileiro, analisada por Rodrigues (2019), que mostrou como eventos climáticos distantes no oceano Índico influenciaram o clima regional, resultando em impactos significativos para a agricultura e o abastecimento urbano. Essa análise ilustra a necessidade de uma abordagem jornalística que explore as interações globais e locais, evitando a categorização simplista de eventos como “tragédias” ou “desastres” (CARPENTER; LINDHOLM, 2015).

Nesse sentido, a formação de jornalistas com uma perspectiva humanística ampla é essencial para cobrir as questões ambientais de maneira abrangente, relacionando-as a direitos humanos e justiça social (WARD, 2015). Essa integração é fundamental para que a cobertura vá além do sensacionalismo e da espetacularização de eventos isolados, como exemplificado pela síndrome da “baleia encalhada”, identificada por Bueno (2007). A crítica a essa abordagem destaca a necessidade de um jornalismo investigativo que vá além das aparências e busque compreender as dinâmicas sistêmicas que sustentam os problemas ambientais.

A mudança no manual de redação do jornal britânico *The Guardian*, que substituiu “mudança climática” por termos como “emergência climática” e “crise climática” (CARRINGTON, 2019), é um exemplo prático de como a linguagem jornalística pode influenciar a percepção pública. Essa mudança reflete um compromisso em comunicar a gravidade das questões ambientais e a urgência de ações concretas. Loose (2018) argumenta que o jornalismo ambiental deve adotar uma postura crítica e engajada, evitando o uso de terminologias que minimizem os problemas e reforçando a necessidade de responsabilidade e reparação. O jornalismo, ao informar com precisão e rigor, pode contribuir para a formação de uma sociedade mais consciente e mobilizada, capaz de exigir políticas públicas eficazes e práticas sustentáveis.

Por fim, o jornalismo ambiental não se limita a ser uma prática informativa; ele se posiciona como um espaço de resistência e transformação social. Bueno (2007) enfatiza que os jornalistas ambientais precisam assumir um compromisso ético e político, enfrentando os interesses corporativos e governamentais que perpetuam a degradação ambiental. Essa prática deve ser um instrumento de democratização do conhecimento e de fortalecimento da cidadania, promovendo uma mudança significativa na relação entre a sociedade e o meio ambiente. Conforme Loose (2018), a formação de jornalistas com uma visão crítica e humanística é essencial para garantir que o jornalismo ambiental cumpra seu papel de maneira efetiva e contribua para a construção de um futuro sustentável.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

A ideia para a realização da grande reportagem em vídeo surgiu com base na divulgação do estudo “*Common cause for severe droughts in South America and marine heatwaves in the South Atlantic*”⁵, publicado em agosto de 2019, sob a autoria da oceanógrafa Regina Rodrigues, pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina. As entrevistas concedidas por Regina Rodrigues a diferentes veículos de comunicação, locais e nacionais⁶, destacaram a crescente ocorrência de ondas de calor marinhas, um fenômeno até então pouco explorado pela mídia.

A relevância do tema e a constatação de que a cobertura jornalística sobre esses eventos se limitava a um formato factual e episódico, presente principalmente em telejornais locais e estaduais, motivaram a elaboração da presente produção audiovisual como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A proposta da reportagem buscou preencher uma lacuna tanto acadêmica quanto jornalística, investigando com maior profundidade os impactos das ondas de calor marinhas.

A intenção foi destacar o fenômeno como um elemento-chave dentro dos desafios climáticos contemporâneos, considerando a transformação térmica dos oceanos como um fator determinante para o agravamento de crises ecológicas e econômicas em nível regional e global. Essa abordagem se consolidou ao longo das etapas de pré-produção, produção e pós-produção, sempre alinhadas ao objetivo inicial da pesquisa e conferindo coesão ao produto final.

O produto foi pensado como reportagem estruturada em três blocos principais, com o objetivo de atender à dinâmica de programas jornalísticos televisivos de até 30 minutos, considerando a presença de um apresentador e a inclusão de dois intervalos comerciais (que não foram incluídos na entrega deste produto). Essa escolha reflete uma abordagem planejada para oferecer clareza narrativa, engajamento e fluidez ao conteúdo apresentado. Além disso, a divisão em blocos é uma estratégia amplamente utilizada em programas jornalísticos com temática ambiental, como "Cidades e

⁵ Causa comum de secas severas na América do Sul e ondas de calor marinhas no Atlântico Sul - Disponível em <https://www.nature.com/articles/s41561-019-0393-8>

⁶ <https://revistapesquisa.fapesp.br/uma-possivel-origem-das-estiagens-de-verao-do-sudeste/>
<https://saense.com.br/2019/07/oceano-indico-causa-secas-na-america-do-sul-e-ondas-de-calor-marinhas-no-atlantico-sul/>
<https://noticias.ufsc.br/2019/07/oceano-indico-causa-secas-na-america-do-sul-e-ondas-de-calor-marinhas-no-atlantico-sul/>

Soluções" da GloboNews, que busca apresentar problemas de forma contextualizada e, em seguida, oferecer uma análise detalhada de soluções.

A reportagem entregue neste trabalho encontra-se em bloco único com 25'56" de duração, mas foi pensada para que possa ser dividida em três blocos para adequação ao programa de veiculação. Nos primeiros dez minutos, o objetivo foi contextualizar e explicar o fenômeno, destacando as causas e a escala do problema com base em dados científicos e depoimentos de especialistas. Em seguida, a reportagem aborda os impactos socioeconômicos, ambientais e culturais, com destaque para a produção de ostras, setor responsável por 90% da produção nacional e altamente vulnerável às ondas de calor marinhas. Finalmente, a reportagem explora soluções, apresentando iniciativas locais e globais, comunidades tradicionais, recomendações de especialistas e propostas de mitigação e adaptação.

A linha editorial da reportagem está centrada na temática ambiental, com foco no impacto humano sobre os oceanos e no aquecimento global, buscando sensibilizar o público para questões contemporâneas de sustentabilidade. Este formato editorial segue princípios do jornalismo ambiental, que, segundo autores como André Trigueiro (2011) e Leandro Marshall (2003), deve ultrapassar o modelo factual e episódico, oferecendo narrativas mais amplas, integradas e que privilegiem a contextualização e a busca por soluções.

A abordagem foi pensada para informar e educar o espectador, promovendo uma análise profunda sobre o impacto das ondas de calor marinhas, especialmente em uma região de relevância econômica como o Atlântico Sul Sudoeste. A proposta também se alinha ao conceito de jornalismo de soluções, que procura inspirar mudanças práticas, enfatizando respostas e estratégias para lidar com os desafios apresentados.

Esse modelo editorial reafirma o compromisso do jornalismo com a responsabilidade social e ambiental, utilizando a narrativa audiovisual como ferramenta de conscientização e transformação. Assim, a reportagem transcende a simples informação, posicionando-se como um instrumento para promover a reflexão e o engajamento em torno das mudanças climáticas e suas consequências.

5.1 PRÉ-PRODUÇÃO

A definição das fontes para a grande reportagem em vídeo seguiu critérios que garantissem a profundidade e a interdisciplinaridade necessárias para a abordagem do tema. A seleção teve início no final de 2023, quando foi estabelecido contato com a oceanógrafa Regina Rodrigues, pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A pesquisadora, com sua vasta experiência no estudo da correlação entre o aquecimento dos oceanos e os impactos nos ecossistemas marinhos, contribuiu indicando fontes especializadas e fornecendo textos fundamentais para o aprofundamento teórico sobre as ondas de calor marinhas e seus desdobramentos.

A partir de notícias, entrevistas e artigos, foram mapeados profissionais de diferentes áreas, como oceanógrafos, biólogos, maricultores e especialistas em sustentabilidade, para garantir uma perspectiva abrangente e diversificada. Essa seleção buscou integrar abordagens científicas, práticas e políticas, promovendo uma análise holística do fenômeno e de suas repercussões em ecossistemas marinhos e na economia local.

Entre os entrevistados, está Alexander Turra, professor titular do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (IOUSP) e coordenador da Cátedra UNESCO para a Sustentabilidade do Oceano. Turra trouxe uma perspectiva integrada sobre governança, manejo e conservação marinha, discutindo o impacto das mudanças climáticas e da poluição nos mares. Sua abordagem interdisciplinar foi essencial para compreender a governança ambiental necessária para a mitigação dos impactos climáticos.

Também foi consultado Bruno Cabral, ostreicultor com mais de dez anos de experiência no Ribeirão da Ilha, em Florianópolis. Cabral ofereceu uma perspectiva prática sobre os desafios enfrentados pela maricultura, especialmente em um contexto de crescente aquecimento das águas. Sua experiência revelou as vulnerabilidades das atividades econômicas locais diante das mudanças climáticas e a necessidade de adaptação constante dos produtores.

Cristiane Kolesnikovas, presidente e pesquisadora da Associação R3 Animal, também participou da investigação. Como coordenadora do Projeto de Monitoramento de Praias da Bacia de Santos, Kolesnikovas forneceu insights sobre as implicações das ondas de calor marinhas para a fauna local e sobre a importância do

monitoramento e da reabilitação dos animais marinhos afetados pelas mudanças climáticas.

O pesquisador Felipe Suplicy, com Ph.D. em Aquicultura pela University of Tasmania e atuação no Centro de Desenvolvimento em Aquicultura e Pesca (CEDAP) da EPAGRI, trouxe uma análise técnica dos impactos climáticos sobre a maricultura. Suplicy destacou como as alterações na temperatura do oceano afetam a produtividade e sustentabilidade das práticas aquícolas em Santa Catarina.

Guilherme Longo, professor do Departamento de Oceanografia e Limnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), contribuiu com uma base científica sólida sobre as dinâmicas oceânicas e seus efeitos ecológicos. Sua pesquisa em ecologia marinha e mudanças climáticas permitiu compreender melhor as complexidades envolvidas na intensificação das ondas de calor nos oceanos.

Outro nome relevante foi José Baltazar Guerra, membro do "Think Tank" dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e participante do Comitê Científico Nacional de Avaliação dos Projetos de Iniciação Científica do Ecossistema Nima. Guerra trouxe uma visão estratégica sobre as políticas públicas voltadas para a sustentabilidade e as possibilidades de ação local diante das mudanças climáticas.

A pesquisa também contou com a participação de Paulo Horta, biólogo e especialista em biodiversidade marinha, com formação pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado pela Plymouth University. Horta destacou a importância da preservação dos ecossistemas marinhos e os impactos diretos que as mudanças climáticas exercem sobre a biodiversidade oceânica.

A oceanógrafa Regina Rodrigues, especialista em circulação oceânica de larga escala e seu papel no clima global, teve papel central no projeto. Sua expertise possibilitou uma compreensão aprofundada das dinâmicas climáticas que afetam os oceanos e as implicações dessas alterações para a sustentabilidade ambiental e econômica.

Tim Woollings, professor da Universidade de Oxford e especialista em eventos climáticos extremos, contribuiu com uma perspectiva internacional. Woollings forneceu comparações entre os impactos das mudanças climáticas em diferentes hemisférios, enriquecendo a análise com insights globais e enfatizando a interconexão entre os fenômenos oceânicos e atmosféricos.

Por fim, foi entrevistado Vinícius Ramos, ostreicultor e proprietário de uma das maiores fazendas marinhas do litoral catarinense. Sua participação trouxe uma

perspectiva prática sobre a adaptação dos produtores locais às condições climáticas mutáveis e os desafios enfrentados pela maricultura diante das ondas de calor marinhas.

A diversidade de experiências e conhecimentos teve como foco garantir uma narrativa consistente e fundamentada sobre as ondas de calor marinhas e seus impactos, contribuindo para o rigor científico e a relevância social da grande reportagem.

5.2 PRODUÇÃO

A etapa seguinte ao levantamento inicial de informações consistiu no desenvolvimento do roteiro para guiar as entrevistas e delinear a contextualização visual e informativa do projeto. Esse planejamento técnico envolveu a escolha dos locais de gravação, a organização das entrevistas e a seleção dos equipamentos.

Para garantir uma ambientação adequada às entrevistas, foram selecionados locais estratégicos: uma biblioteca para a entrevista com a oceanógrafa, fazendas de ostras no Ribeirão da Ilha, laboratórios da EPAGRI e praias do litoral catarinense, abrangendo a extensão entre Biguaçu e Palhoça. A escolha desses espaços buscou situar visualmente as questões abordadas e criar uma conexão direta entre o conteúdo e o contexto regional. Para gravações externas, foi priorizado o uso de luz natural, com iluminação de LED suplementar, quando necessário, para manter a qualidade e uniformidade nas filmagens.

A captação das imagens ocorreu em formato HDV1 e MP4, com uma taxa de 30 frames por segundo e resolução de 1920x1080 pixels. Durante as entrevistas, optou-se por um enquadramento dual, combinando uma câmera fixa e outra em movimento. Além disso, a utilização de um drone permitiu a obtenção de tomadas aéreas, contribuindo para uma representação abrangente dos cenários costeiros. Esse recurso foi essencial para a captação de imagens nas fazendas marinhas e do oceano, tema deste produto. A técnica de gravação envolveu planos médios para destacar as expressões dos entrevistados e criar um ambiente confortável, com os participantes posicionados sentados ou em pé, conforme a locação.

O instrumental técnico para a produção incluiu câmeras digitais de alta definição, um drone, um tripé para estabilidade e microfones de lapela. O som ambiente foi registrado com o microfone da própria câmera, promovendo maior

espontaneidade e autenticidade nas interações entre as fontes e o jornalista. As entrevistas presenciais foram planejadas dentro de um raio de até 50 quilômetros de Florianópolis, por questões logísticas e de otimização dos recursos disponíveis. Fontes localizadas fora desse perímetro participaram por meio de entrevistas online, com captura de tela.

A marcação das entrevistas foi organizada considerando a disponibilidade dos especialistas e as condições climáticas, essenciais para gravações ao ar livre. O contato prévio com os entrevistados foi realizado via e-mail e WhatsApp, detalhando o contexto das perguntas e a importância de suas contribuições para a narrativa global. Como preparação adicional, a equipe visitou os locais previamente para identificar os melhores pontos de gravação e resolver questões técnicas, como posicionamento das câmeras e iluminação.

O processo de gravação foi projetado para ser realizado ao longo de duas semanas. No entanto, devido à frequente alteração de agenda dos entrevistados - especialmente aqueles de outros estados - o prazo se estendeu para dois meses, o que alterou o cronograma inicial para a entrega deste trabalho. Para as entrevistas, foram utilizados planos médios e plano americano. Já para imagens gerais, foram usadas cenas abertas, close e plano fechado. Foram usados recursos audiovisuais, como captura de sons de mar, pássaros, vento, entre outros, para garantir a ambientação das imagens. Isso foi feito com o uso do gravador de áudio digital do Iphone 14.

As entrevistas foram gravadas com apoio do cinegrafista Marcelo Feble, que disponibilizou uma câmera Sony FX30 e lentes 50mm, 24-70mm e 100-400mm. A participação de Marcelo foi essencial para superar as limitações de recursos técnicos, permitindo que a produção alcançasse maior qualidade na captação.

Os entrevistados receberam previamente um roteiro de perguntas para que pudessem se preparar para o tema. Por fim, a abordagem ética foi uma premissa central em todas as etapas, com a obtenção de autorizações de imagem e consentimentos informados dos entrevistados, assegurando a integridade e a veracidade das informações apresentadas na grande reportagem.

Esse planejamento técnico detalhado permitiu que a produção da grande reportagem em vídeo integrasse recursos visuais, sonoros e narrativos de forma consistente, garantindo uma análise aprofundada dos impactos das ondas de calor marinhas e de suas implicações sociais e ambientais.

5.3 PÓS-PRODUÇÃO

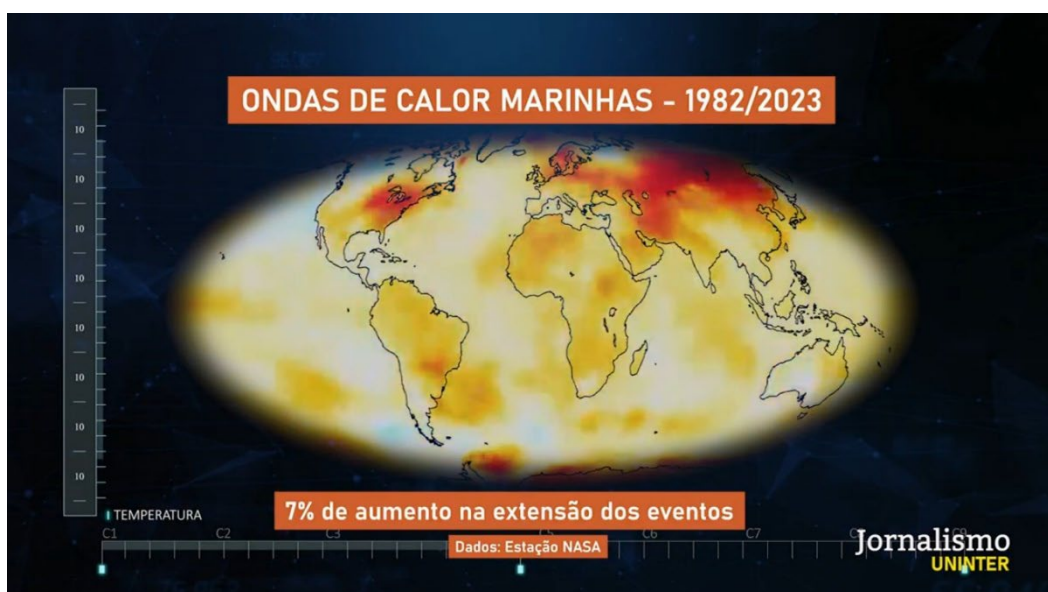
Após a conclusão das gravações, todo o material captado foi devidamente transferido para uma plataforma de armazenamento em nuvem e também para um HD externo. Essa dupla estratégia de backup foi adotada como medida de segurança, visando assegurar a integridade dos arquivos e minimizar os riscos de perda de dados durante o processo de edição e finalização da reportagem.

Foi utilizado o software Adobe Premiere para a edição das imagens e elaboração de artes gráficas. A escolha desse programa se deve à ampla aplicação no mercado audiovisual e à robustez de suas ferramentas, que permitem a integração eficiente de recursos visuais e narrativos.

A etapa de pós-produção envolveu processos de decupagem, edição e finalização do material capturado. Após ouvir e analisar todas as imagens, foi elaborado um roteiro detalhado para orientar o editor de vídeo sobre a sequência narrativa, definindo a ordem das cenas, entrevistas e transições. Para a gravação das narrações em off, o software Audacity foi utilizado devido à sua simplicidade e eficiência na captura e edição de áudio. A escolha desse programa permitiu a produção de áudios limpos e claros, fundamentais para a narrativa da reportagem. Para retirar ruídos, foi utilizado também o programa Adobe Podcast, que permitiu ajustar os níveis de áudio, garantindo que as narrações fossem integradas de forma harmoniosa à edição final.

A edição no Adobe Premiere possibilitou a inclusão de artes gráficas que contextualizaram as informações apresentadas, oferecendo ao espectador dados complementares e reforçando a compreensão dos argumentos abordados durante a reportagem. Uma das artes (Figura 1) foi elaborada a partir de gráficos disponibilizados no site da Agência Espacial Americana ([NASA](https://www.nasa.gov)).

Figura 1 – Imagens da NASA com aquecimento do oceano foram usadas para arte animada



Fonte: reprodução da reportagem

Além disso, prints de reportagens que compuseram parte do material visual passaram por aprimoramentos no Adobe Photoshop para garantir a legibilidade e nitidez das informações apresentadas. Essa intervenção foi necessária para assegurar a qualidade gráfica das imagens exibidas ao longo da narrativa audiovisual.

Inicialmente, a proposta para a grande reportagem incluía a presença de um apresentador utilizando um fundo virtual, inspirado em programas jornalísticos ambientais como “Cidades e Soluções”, da GloboNews. A ideia era empregar a técnica de croma key para integrar o apresentador ao conteúdo gráfico, proporcionando uma experiência visual mais dinâmica e envolvente para o espectador.

No entanto, durante a fase de produção, constatou-se que os recursos técnicos disponíveis não garantiam a qualidade necessária para a execução adequada dessa técnica. Esse problema poderia comprometer o resultado e a apresentação visual da reportagem. Diante dessas limitações, optou-se por uma abordagem alternativa, assegurando que o material mantivesse o padrão de qualidade desejado.

Todo o trabalho resultou em uma grande reportagem finalizada com alto padrão técnico e narrativo, que agora está disponível para consulta. O vídeo foi hospedado em uma plataforma de armazenamento em nuvem, garantindo acesso fácil e seguro. Para assistir ao material completo, basta acessar o seguinte link público:

https://drive.google.com/drive/folders/15CaMWjs4szZ_jYc7RiwVsOuoXsMP2aak?usp=sharing

Essa solução foi adotada como uma forma prática de compartilhamento, facilitando a visualização e a distribuição do conteúdo produzido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo desenvolver uma grande reportagem em vídeo que explorasse as ondas de calor marinhas no Atlântico Sul e seus impactos nos ecossistemas marinhos e nas atividades socioeconômicas do litoral catarinense. A produção revelou a relevância do tema, como também os desafios logísticos e técnicos inerentes à elaboração de um projeto dessa natureza, especialmente em uma abordagem baseada no jornalismo ambiental.

Além de apresentar informações científicas de maneira acessível ao público, o processo enfatizou a importância de uma narrativa que vinculasse conhecimento especializado e experiências locais, valorizando tanto a precisão científica quanto a dimensão humana dos impactos das mudanças climáticas.

Durante a produção, um dos principais desafios foi a coordenação das agendas dos especialistas entrevistados, como a oceanógrafa Regina Rodrigues, cuja atuação acadêmica exigiu ajustes no cronograma. A adaptação foi necessária para conciliar as entrevistas e garantir a qualidade do material coletado, prolongando o tempo de produção para cerca de dois meses. A flexibilidade e o planejamento logístico mostraram-se essenciais, especialmente diante da necessidade de incluir diferentes fontes com conhecimentos complementares.

A execução de entrevistas a distância foi outra estratégia adotada, considerando que nem todos os especialistas estavam disponíveis para gravações presenciais. O uso de plataformas online permitiu a obtenção de depoimentos valiosos, embora a qualidade técnica dessas entrevistas tenha exigido intervenções na edição, como aprimoramento do áudio e ajustes no enquadramento.

Os recursos visuais, como o uso de drones para captar imagens aéreas do litoral catarinense, contribuíram para uma narrativa mais imersiva e ilustrativa. Essas imagens destacaram os impactos concretos das mudanças climáticas na vida cotidiana das comunidades costeiras, proporcionando ao espectador uma conexão visual com a realidade abordada.

A integração de entrevistas com especialistas e cenas de apoio garantiu que o produto se tornasse acessível e informativo, cumprindo o objetivo central de conscientizar o público sobre a gravidade dos fenômenos climáticos e a necessidade de políticas públicas voltadas à mitigação desses impactos.

A reflexão do cientista climático Carlos Nobre, especialista em mudanças climáticas e pesquisador sênior do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, foi trazida para contextualizar a urgência de uma transição para uma economia sustentável.

De acordo com Nobre (2023), “temos soluções sustentáveis viáveis, e o Brasil tem um papel fundamental a desempenhar. A economia do futuro deve ser baseada em uma floresta em pé, respeitando os direitos dos povos tradicionais e protegendo nossos ecossistemas”. A reflexão do autor foi incorporada neste trabalho para reforçar a necessidade de pensar em políticas públicas e iniciativas sustentáveis, evidenciando a interdependência entre ecossistemas marinhos e terrestres na mitigação das mudanças climáticas.

O processo de tradução do conhecimento científico para a linguagem jornalística revelou-se uma tarefa desafiadora e enriquecedora. A prática do jornalismo ambiental exige que conceitos técnicos complexos sejam comunicados de forma clara e acessível, sem comprometer a precisão das informações.

Neste projeto, o rigor científico foi mantido por meio de entrevistas com especialistas e a consulta a fontes acadêmicas, como Regina Rodrigues e Guilherme Longo. Ao mesmo tempo, a narrativa foi estruturada para que as informações técnicas pudessem ser compreendidas pelo público geral, utilizando recursos visuais e sonoros para complementar e contextualizar os dados apresentados.

A abordagem utilizada seguiu os princípios do jornalismo ambiental, que busca informar e engajar o público na discussão de temas urgentes, como a crise climática. Assim, como destacou Bueno (2007), este produto com tema focado no jornalismo ambiental adotou uma perspectiva investigativa e integradora, aproximando diferentes saberes e promovendo uma visão sistêmica dos problemas.

A reportagem desenvolvida conseguiu aliar o conhecimento científico com o impacto socioeconômico das ondas de calor marinhas, mostrando como as mudanças climáticas afetam os ecossistemas e as atividades humanas, como a produção de ostras no litoral catarinense. O projeto também reforça a necessidade de uma prática jornalística comprometida com a verdade científica e com a promoção de um futuro sustentável. A escolha dos entrevistados, como maricultores e pesquisadores, demonstrou a importância de dar voz a diferentes atores sociais, unindo ciência, prática local e política pública em um mesmo espaço narrativo. A construção dessa narrativa mostrou que o jornalismo ambiental, quando bem executado, tem o poder

de influenciar positivamente a formulação de políticas públicas e o comportamento da sociedade, contribuindo para um debate mais informado e consciente sobre as mudanças climáticas.

Por fim, este exercício de grande reportagem pode contribuir para promover discussões mais aprofundadas sobre os impactos das mudanças climáticas nos oceanos e nas comunidades costeiras de Santa Catarina. A produção evidenciou a importância de uma prática jornalística comprometida com a investigação e com a democratização do conhecimento, oferecendo ao público informações claras e fundamentadas. Essa abordagem reafirma o papel transformador do jornalismo ambiental ao somar para a construção de uma sociedade mais consciente e preparada para enfrentar os desafios ambientais contemporâneos.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BARNETT, J., et al. **A review of the effects of climate change on human health and well-being**. Lancet, 2005.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco: Rumo a uma Nova Modernidade**. Londres: Sage Publications, 1992.
- BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo ambiental: explorando além do conceito**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007.
- BUCCHI, Massimiano. **Ciência e Sociedade: Uma Introdução aos Estudos Sociais da Ciência**. Routledge, 2008.
- CARPENTER, Serena; LINDHOLM, Kathleen. **Journalism Education in Countries with Limited Media Freedom**. New York: Palgrave Macmillan, 2015.
- CARRINGTON, Damian. **Por que o The Guardian está mudando a linguagem que usa sobre o meio ambiente**. The Guardian, 17 maio 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com>. Acesso em: 18 jun. 2024.
- CASTELLS, Manuel. **Poder de Comunicação**. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- CURY, A. A. **A grande reportagem: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2005.
- CURY, J. H. **O jornalismo como quarto pilar da democracia**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, 28(1), 7-22, 2005.
- DIMENSTEIN, G.; KOTSCHO, R. **Reportagem: a aventura de informar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- DONEY, S. C., et al. **Ocean acidification: more is less**. Philosophical Transactions B, 367(1582), 2279-2286, 2012.
- FERREIRA, João. **Comunicação Científica: Teoria e Prática**. São Paulo: USP, 2012.
- FRÖLICHER, T. L., & LAUFKÖTTER, C. **Emerging threats to marine food webs from climate change**. Global Change Biology, 24(1), 1425-1439, 2018.
- GATTUSO, J. P., et al. **Contrasting past and future ocean acidification**. Geophysical Research Letters, 42(12), 8546-8550, 2015.
- IPCC. **Climate Change 2021: The Physical Science Basis**. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/>. Acesso em: 16 dez. 2023.

LAGE, Nilson. **A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LOOSE, Eloisa Beling. **Jornalismo Ambiental no Brasil: Reflexões e Desafios**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2018.

MARQUES, Carlos Alberto. **A grande reportagem em vídeo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2012.

MARSHALL, Leandro. **Jornalismo ambiental: o verde na mídia**. São Paulo: Summus, 2003.

MARREIRO, F. J. **A grande reportagem: um estudo de caso**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2011.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.

NEUMANN, B., et al. **Future coastal erosion and inundation from accelerated sea level rise**. *Nature Climate Change*, 5(1), 101-111, 2015.

NOBRE, Carlos A. **A economia do futuro deve ser baseada em uma floresta em pé, respeitando os direitos dos povos tradicionais e protegendo nossos ecossistemas**. Mongabay, 2023. Disponível em: <https://news.mongabay.com>. Acesso em: 03 set. 2024.

PATERNOSTRO, Fernando Moraes. **Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade**. São Paulo: Contexto, 2006.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV**. 2. ed. Editorial Elsevier, Rio de Janeiro, 2006.

PEREIRA, Ronaldo. **Telejornalismo no Brasil: Um guia prático**. São Paulo: Summus, 2013.

PEREIRA, S. H. **Jornalismo científico e engajamento público: novas perspectivas para a comunicação da ciência**. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 36(4), 572-588, 2013.

RODRIGUES, Regina R. et al. **Common cause for severe droughts in South America and marine heatwaves in the South Atlantic**. *Nature Geoscience*, v. 12, n. 8, p. 620–626, 2019.

SEPLAN/SC. **Anuário Estatístico de Santa Catarina 2021**. Secretaria de Estado do Planejamento e Orçamento, Florianópolis, 2021. Disponível em <https://www.seplan.sc.gov.br/download/boletim-economico-dezembro-2021/?wpdmdl=79701&refresh=666f0570c88811718551920>. Acesso em: 13 dez. 2023.

SODRÉ, M. **Sociedade, Mídia e violência**. Sulina, Rio de Janeiro, 2002.

SODRÉ, M. **Técnicas de reportagem: narrativa jornalística**. Summus, São Paulo, 1986.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável 2: novos rumos para um planeta em crise**. Rio de Janeiro: Globo, 2011.